



O era uma vez de Florence Welch and her Machine: Uma análise do álbum Lungs¹

Bruna Maria de MENESES²

Katarina Vieira SAMPAIO³

Thiago SOARES⁴

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

O presente artigo pretende analisar a estética do primeiro álbum da banda britânica *Florence and The Machine*. Para isso iremos focar nossa análise nos elementos que estão presentes nos singles do álbum bem como nos videoclipes dos mesmos a fim de identificar as características que permeiam a produção do álbum que deu visibilidade à música e à banda da vocalista com cabelo cor de fogo.

Palavras-chave: Florence + the Machine; Lungs; indie; música; estética.

Introdução

No dia 9 de Fevereiro de 2015 os fãs da banda britânica *Florence + the Machine* começaram, de forma discreta, a criar teorias a respeito do novo trabalho do grupo. O motivo para tal comoção nas redes sociais, especialmente no Facebook, foi a alteração da foto do grupo na página. Os dois triângulos sob o fundo bege parece ser o indício que todos esperavam: um novo álbum está a caminho e, de acordo com o que está representado ali, parece que Florence caminha mais uma vez ao lado do misticismo e do “faz de conta dramático” que rega suas canções. Afinal, os triângulos representam ar e água na alquimia.

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Estudante de Graduação. 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), email: 221bbruna@gmail.com

³ Estudante de Graduação. 7º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), email: katarinavieira@outlook.com

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal da Pernambuco (UFPE), email: thikos@gmail.com



Previsões à parte, voltaremos um pouco mais no tempo. A banda que, apesar de relativamente recente, caiu no gosto do público por suas peculiaridades consegue fazer uma mistura prática de gêneros, em essencial o indie, e vem se tornando cada vez mais mainstream. Neste trabalho analisaremos Lungs, o primeiro álbum da banda, com o objetivo de identificar quais elementos que contribuíram para a trajetória positiva e para com o sucesso contínuo do The Machine.

The Machine, seu princípio e o indie

Ao longo dos anos, o gênero indie pop nos introduziu a artistas com vozes tão marcantes quanto as letras de suas músicas. Tivemos Lana Del Rey, Marina and the Diamonds, Magnetic Field, Tegan e Sara e outros tantos, cada um tentando encontrar seu lugar privilegiado neste perigoso campo de batalha que é a indústria midiática. É de se esperar que, para aqueles que não passaram férias duradouras em uma ilha deserta, a voz de Florence Welch tenha chegado aos seus ouvidos e, talvez, tenha desencadeado a reação que levará todos os ouvintes direto pelo buraco do coelho, como a mesma canta em uma de suas canções, no álbum de abertura, *Lungs*. O conjunto - letra, melodia e etc - propõe indiretamente um mergulho relativamente melancólico e depressivo, alimentado com elementos característicos tanto da mitologia dos contos de fadas quanto do gótico que, quando bem misturados, são a representação de *Florence and the Machine* tentando se encontrar como artista e como banda.

Porém, parece ser ridículo falar em “se encontrar”. Apesar de dividir opiniões, o caminho trilhado pelo primeiro disco foi certo. Alcançou fama, ganhou seguidores, lançou a ruiva Welch não apenas como uma mais uma cantora da terra da Rainha Elizabeth, mas como uma voz marcante para o resto do mundo. Sendo assim, como Lungs se apresenta como um quebra-cabeças confuso com sua miscelânea de assuntos, o presente trabalho se propõe a analisá-lo minuciosamente, a partir do impacto do álbum, e, deste modo, avaliar quais aspectos do disco permitiram que Florence tenha sido “descoberta” e quais valores são delimitados nele para transformá-la em uma figura conhecida e relativamente impactante na indústria.

Chega a ser irônico pensar que uma das primeiras músicas de Lungs tenha sido *Kiss with a Fist*. Inicialmente batizada como *Happy Slap*, com seu ritmo mais



animado e bem pop, parecia tentar navegar contra a maré tempestuosa que era o resto do álbum. Naquela época, Florence Welch ainda era um nome relativamente desconhecido para a maioria dos ouvintes mais ordinários. A voz, por outro lado, chegou primeiro e se sobressaiu. Parar para escutar de fato o álbum pode ser um mergulho onírico, parcialmente melancólico e meio amargo, o qual, em mais de uma ocasião, retoma alguns elementos que parecem ter saído dos séculos passados (como o ritmo e a escolha dos instrumentos) até se unirem para dar corpo à obra. “É algo avassalador e abrangente que te preenche e ou você explode junto ou desaparece”, declarou a cantora quando questionada a respeito de sua música.

A banda surgiu em 2007 e, no início, contava basicamente com a dupla formada por Florence Welch e Isabella Summers. De Florence Robot/Isa Machine (nome original, advindo de uma brincadeira interna), tornaram-se Florence + the Machine e, além das duas, contam também com Tom Monger (harpa), Robert Ackroyd (guitarra), Chris Hayden (bateria), Mark Saunders (baixo e percussão) e Rusty Bradshaw (piano).

Lançado em 3 de Julho de 2010, *Lungs*, o primeiro álbum, conta com 14 músicas, incluindo *Dog Days are Over*. Sem poder ser diferente, a crítica foi atrás dos passos de Florence, procurando enquadrá-la de acordo com os padrões da indústria musical. No entanto, foi difícil. Para o *The Guardian*, ela era “difícil de categorizar, não era um disco adolescente, nem era tão legal ou com estilo. Elegante, mais artística, teatral”. Teatral pode ser uma das palavras para representá-la. Em seus vídeo clips, para contar a narrativa de suas letras, Welch traz consigo diversos elementos performáticos característicos da música pop, com um pouco de rock e traços do que se conhece como *baroque pop*, ou pop barroco, cuja característica principal é ser mais dramático, mais intenso.

Além disso, Florence figura principalmente como representante do indie rock e, dentro da cena indie britânica, Welch é uma das compositoras contemporâneas mais marcantes. No que diz respeito à cena, temos que:

“Valores, gostos, prazeres, estilos de vida são interesses articulados dentro da cena indie. É uma prática de alcance mundial, mas que mantém particularidades locais a partir das alianças que são construídas, como a troca de informações sobre bandas globais e locais, compartilhamento da mesma rede de mídia. Uma característica do indie rock é fazer parte de uma produção periférica, com forte localismo, com uma produção e consumo diferentes dos centros de mainstream da música, portanto o desenvolvimento de uma cena local é essencial ao indie rock, para se conectar ao global. Todo este circuito depende da existência de cenas.” (GUMES, 2011, p. 68)

Apesar da cena indie incluir não apenas a música como também todo um conjunto de práticas e valores cujas características andam atreladas à melodia, e que dizem respeito a tentar fugir das estruturas das majors, é notável que o estilo tem se tornado cada vez mais mainstream. Em suas origens, por outro lado prega-se a fuga disso.

O álbum *Lungs*, sendo o primeiro de Welch, traz, do conceito inicial do indie, mais o estilo musical, a sonoridade, do que o estilo de produção propriamente dito, uma vez que a cantora, em suas performances, assimilou traços diversos que estão mais para o lado da *pop music* do que para a cena indie propriamente dita. Wendy Fonarow faz uma análise do cenário indie no Reino Unido e afirma:

“Conforme escreve David Cavanagh sobre o "sonho indie", indie "descreve uma cultura de independência que era quase uma forma de protesto". Este protesto era contra o templo da música mainstream. O indie pede nostalgicamente por um retorno pela restauração das práticas e ideais musicais originais” (FONAROW, 2013, p. 29)

Apesar de tentar um afastamento, uma revolta contra o que seria considerado mainstream, a banda está, aos poucos, sendo consagrada neste meio desde o lançamento de *Lungs*. Benquista por boa parte da indústria midiática, a avaliação crítica é positiva desde o lançamento do primeiro álbum, somando até 2015, três, juntamente com *Ceremonials* (2011) e *How Big, How Blue, How Beautiful* (2014).

O *Pitchfork* compara a tendência do “pop místico” da ruiva com a que encontramos nas carreiras de cantoras como Annie Lennox, Grace Slick, and Joanna Newsom. A BBC exaltou a equipe de produtores por trás de *Lungs*: Paul Epworth (Bloc Party, Jack Penate, Maximo Park) James Ford (Artic Monkeys e Last Shadow Puppets) e Steve Mackey (M.I.A.).

Por outro lado, o *Pitchfork* ressalta mais o poder vocal e a coragem da cantora, declarando que esses elementos vem - no álbum - com mais força do que a presença dos produtores “bem pagos”. James Fullerton do NME (New Musical Express) expressa que *Kiss With a Fist* é a única música de *Lungs* que “lembra remotamente o indie”. Apesar de possuir intensidade lírica, para Fullerton, *Lungs*, como um todo é divisor de opiniões e pode ser classificado como distintamente... “Ok”.



Discurso do Artista

Meses após o lançamento do seu álbum de estreia, a cantora Florence Welch falou sobre o processo de produção de *Lungs* durante o *Barclaycard Mercury Awards* (prêmio anual para os melhores álbuns do Reino Unido e da Irlanda, ele é concedido pela Associação Britânica de produtores musicais e pelos representantes da indústria fonográfica britânica). A cantora falou sobre os seis meses de produção do álbum e sobre a sua relação com os produtores do disco (Paul Epworth, James Ford, Charlie Hugall, Stephen Mackey e Eg White).

A cantora mostrou-se ansiosa e um pouco surpresa por ter sido indicada ao prêmio. “É sempre muito interessante vir ao Mercury por que ele nos apresenta a artistas que eu nunca tinha escutado antes, e em um mês eu vou estar voltando pra casa e, sabe, quando você está gravando tem muita coisa acontecendo e você nem pensa em coisas como essa (premiação), e quando isso acontece é tão...(suspiros) é tão surreal.”

Após receber sua premiação de indicação ao Mercury Florence falou ao *Daily Mail* sobre como a música entrou na sua vida. “Eu me apaixonei por um garoto de banda. Não era ninguém famoso, era só uma cara de um grupo punk no sul de Londres. Eu tinha um melhor amigo na escola e nós entramos nesse mundo de estudantes de arte e músicos, aí quando a escola acabou eu sabia qual era o meu lugar.”

Nessa matéria ela falou também sobre como foi descoberta aos 19 anos. “Era dezembro de 2006, e um amigo foi convidado pelo Mairead Nash para discotecar num pub, eu estava bêbada num vestido de festa e vi pra ele e disse: Eu posso cantar!”. Ela cantou *Something's Got a Hold on Me* de Etta James e foi convidada para se apresentar numa boate na semana seguinte.

Nessa época ela já havia escrito algumas das músicas de *Lungs*, a maioria delas surgiu depois que ela terminou com o namorado. “Eu estava de coração partido e ficando maníaca. Quando você está numa situação como essa é bom ter alguma coisa pra fazer se não você fica auto destrutivo. Acho que a música me salvou do deserto, do furacão.”

Álbum na trajetória do Artista

Quando o álbum foi lançado em 2009 recebeu críticas positivas da Pitchform(7.2) e da Rolling Stone(4.2). Ambas as publicações focam na figura da *front lady* da máquina. Eles enfatizam a postura reservada da cantora em relação a Lily Allen e Amy Winehouse, as escolhas por temáticas místicas e principalmente a introdução de sonoridades não tão comuns no Indie Rock como as Harpas, que são muito presentes nas canções da banda. Também há uma comparação da voz de Florence com as vozes de Adele e Duffy. Diferentemente da obra delas os críticos ressaltam que a voz de Florence se mescla com as sonoridades dos instrumentos de uma forma muito harmônica. “Ao invés de apresentar esse ar palidamente gótico dessa jovem de 22 anos Lungs tem uma abordagem miscelânea, mesmo sem trabalhar com a voz de megafone da Adele e da Duffy. Welch explode em toda a boca esse Rock de garagem ,soul épico e brithbeat derrubando uma marca mística do pop que faz parte de Annie Lennox, Grace Silick e Joanna Newson”. (Pitchform, Agosto 2009)

Lungs foi bem recebido pela crítica por ter conseguido unir estilos diferentes que se funcionaram muito bem na voz de Florence. O disco tem direção de Paul Epworth, que também já trabalhou com Adele (ganhou o Oscar por Skyfall), Coldplay, Cee Lo Green, Foster the People, John Legend, Azealia Banks, Paul McCartney, Bruno Mars, Plan B, Crystal Castles, Friendly Fires, Bloc Party, Annie, Chapel Club, Primal Scream, The Rapture, Jack Peñate, Kate Nash, e Maximo Park.

Produtores

O álbum foi produzido e dirigido por Paul Epworth, que também assina cinco canções do debut da banda – Rabbit Heart, Howl, Cosmic Love, Hurricane Drunk, e Blinding. Ele começou a carreira em 2002 produzindo a banda *Lomax*, com quem seguiu até 2004 quando ele começou a ser reconhecido por seus remixes e se destacou na produção da banda Bloc Party’s.

O trabalho de Epworth inclui produções para os gêneros Indie Rock, Punk Rock, Pop, Dance e Hip Hop, o que faz com que em algumas das suas produções apresentem traços desses estilos, com a inserção de instrumentos mais característicos de um estilo como o Pop dentro de outro como o Indie.



Imagética do Álbum

A arte da capa é, ao mesmo tempo, delicada e destruidora; de certo modo depressiva. Ao fundo temos a natureza representada por pássaros e flores diante de um pano de fundo (possivelmente uma tapeçaria) cujos desenhos são aqueles que tipicamente relacionamos com a Inglaterra. As cores são frias. Predomina um tom mais escuro. No centro, Welch, de olhos fechados, traz diante de si os pulmões que dão origem ao nome do álbum (Lungs, forma inglesa de pulmões). Ao invés de expressar vida, o conjunto deixa escapar a ideia de natureza morta, enfatizando sentimentos profundos, porém melancólicos.

A capa adianta também qual será o estilo das músicas: intensas, capazes de despertar um oceano de emoções que, em quase nenhuma ocasião, serão felizes ou satisfatórias. Tanto é que a presença do gótico/macabro se faz presente como uma das inspirações mais fortes para a cantora. Belo, porém trágico. Seria bem apropriado para decorar a obra de um autor como Edgar Allan Poe.

Canções (Singles)

Cosmic Love

Cosmic Love foi escrita por Welch e Isabella Summers, outra integrante do “The Machine”, em 2010 e, de acordo com a própria cantora, escrita em apenas dez minutos. A combinação de instrumentos, inicialmente, se resume a um violão e uma harpa, mas a ele se unem um coral, além de violinos e no caso de determinadas apresentações. Tudo marcado pelo poderio lírico que começa suave mas, no decorrer da canção, se torna mais e mais furioso. É comum a boa parte das músicas de Florence um começo mais tranquilo que, pouco a pouco, vai adquirindo força. A cantora, em algumas performances desta música, incluindo o próprio vídeo clip e a apresentação no Royal Opera Hall, trabalha principalmente com gestos e a vocalização, dois elementos que se unem para intensificar a história contada através da letra.

O single, como o próprio nome já revela, trata das emoções, do amor, aqui representadas e intensificadas através da simbologia dos elementos espaciais, como a lua, as estrelas e o crepúsculo, além de outros. De acordo com o eu lírico, ele se encontra perdido, sem saber como seguir e sem escolhas, por estar sem a companhia



de alguém que fosse importante em sua vida. Essa simbologia ganha mais força no clipe, lançado em Março de 2010, pois se destaca a fotografia do mesmo, que destaca não apenas a própria dualidade entre luz e escuridão, mas que também trabalha com cores quentes e fortes e muito brilho. A dança/representação de Florence, com movimentos e gestos mais impulsivos lembra um pouco os movimentos dos festejos do Paganismo Celta, presente na Grã Bretanha antes e durante a chegada dos romanos. O que lá era feito em festivais – dança com relativa liberação do corpo - Florence usa para falar de emoções fortes.

A presença do paganismo e do esoterismo é forte nas letras e performances, assim como outros elementos místicos. Nell Frizzell, jornalista, escreve em um artigo para o The Guardian que Florence está entre as “fadas rainhas” que fazem sucesso na mídia por trazer símbolos como, por exemplo, triângulos, velas, estrelas, orbes, flores e florestas. Não é à toa que a maioria deles está presente nas performances e letras. No caso de Cosmic Love, a presença massiva de estrelas em diversas formas (letra ou no cenário do clipe) não deixa dúvidas. Frizzell avalia ainda que a presença pagã na música britânica não é nova: remonta dos anos 60, quando o folk reviveu este universo repleto de misticismo.

You´ve got the love

You´ve got the love possui uma característica diferente dos outros singles. A letra não traz nenhuma novidade: fala de amor, com uma batida um pouco mais animada. Contudo, ao assistir o clipe, com todo o brilho, a lua gigante onde Florence se pendura, as pessoas dançando e todo o resto, percebemos que o conjunto parece ter saído direto dos anos 80, da época das discotecas. Sendo assim, está em seu lugar de direito, pois a música, na verdade, foi composta em 1986 por Cani Staton, cantora de gospel e soul. E, antes de ser gravada por Florence and the Machine em uma versão mais curta, já entrou na trilha de outros artistas. No fim, a música entrou no álbum Lungs por ser uma das favoritas da artista.

Uma vez mais a performance da cantora mescla o gestual com muito brilho e gelo seco (no clipe), com movimentos típicos das divas dos anos 80. De fato, a versão original de Staton vem com o ritmo comum à época. Florence a transformou, trazendo uma vez mais a harpa e o coral e, deste modo, conseguiu dar autoria à melodia que, no final, acabou com traços de ópera.



Kiss with a Fist

Escrita por Welch e Matt Achin, *Kiss with a Fist* foi lançada em 9 de junho de 2008 e apresenta uma temática recorrente no álbum, abordando o sentimento do eu-lírico após um rompimento amoroso. A canção começa com o vocal suave de Florence e em seguida entram uma guitarra e a bateria que dão a cadência com que a letra vai ser interpretada daí pra frente, de modo acelerado e raivoso. A textura da voz da cantora parece ter sofrido intervenção de programas soando um tanto distante em alguns momentos e em outros mais rouca que o normal.

Na performance do clipe de *Kiss with a Fist* Florence está num lugar de tom predominantemente branco, contrastando com as cores fortes de sua roupa e maquiagem, pulando e fazendo movimentos intensos quando a batida da música fica mais frenética. Num dado momento ela aparece com uma espécie de taco nas mãos e começa a destruir o cenário cantando “*A kiss with a fist is better than none*”.

O single, que tem um tom de revanche, fala sobre um relacionamento conturbado em que ambos se batem, se machucam mas parece estar confortáveis naquela situação. Os elementos românticos contidos no vídeo clipe como o coração de flores, a cama, o próprio figurino da cantora composto por uma blusa florida, saia na altura do joelho e uma meia calça com transparências, ajudam a reforçar essa ideia.

Drumming Song

O estilo “começa devagar e vai adquirindo força” ao longo da melodia pode ser visto também em *Drumming Song*. Outro single também regado à base de corais e da voz melodiosa da cantora. Desta vez, no clipe, Florence gira, gira e gira, tentando se livrar dos “tambores” cujas batidas se intensificam cada vez mais apenas dentro da cabeça dela. Ela canta: *There's a drumming noise inside my head / That throws me to the ground / I swear that you should hear it / It makes such an all mighty sound / Louder than sirens / Louder than bells / Sweeter than heaven / And hotter than hell / I ran to a tower where the church bells chime / I hoped that they would clear my mind.*

Uma simbologia religiosa é enfatizada na letra, porém a igreja não é capaz de salvá-la. Todavia, de acordo com a própria Welch, a música fala sobre aquela sensação de estar diante de um garoto ou garota pela primeira vez e não saber como reagir. Ela declara lembrar de alguém e, sem coragem para falar com ele, sentiu-se aterrorizada. Mais uma vez, temos menção ao gótico e aos contos. “Eu li muitos contos de terror quando eu era criança”, afirmou em entrevista.

Dog days are over

Composta por Florence Welch e Isabella Summers, *Dog Days are Over* foi o segundo single do álbum a ser lançado, o que aconteceu no dia 1 de Dezembro de 2008. A canção possui uma atmosfera bem mística com harpas, palmas e bateria, e novamente a letra aborda uma temática de superação, recorrente no álbum. A música começa com o som das harpas e em seguida entra a voz suave de Florence anunciando *Happiness hit her like a train on a track /Coming towards her stuck still no turning back/ She hid around corners and she hid under beds/ She killed it with kisses and from it she fled/ With every bubble she sank with her drink/ And washed it away down the kitchen sink.*

Logo depois a música desenvolve um ritmo mais intenso, com batidas de bateria bem marcadas enquanto se ouve *Run fast for your mother, run fast for your father/ Run for your children, for your sisters and Brothers/ Leave all your love and your longing behind/ You cant carry it with you if you want to survive.*

A atmosfera mística da música foi bem retratada no videoclipe de 2010 em que Florence surge como uma gueixa num cenário todo branco onde seu cabelo cor de fogo se destaca. Assim como na canção, vários elementos vão surgindo no videoclipe com a evolução da música como as dançarinas com o corpo todo pintado de azul, os tocadores de harpa e de tambor.

Em uma entrevista para o portal Artist Direct a cantora falou como se deu o processo criativo dessa música. “Eu adoro a ideia de fazer algo mundanamente mágico e uma música como Dog Days are Over tem essa linha. Ela foi diretamente inspirada numa instalação do artista plástico Ugo Rondinone que fica numa galeria em Nova York. De um lado está escrito nela “Hell, yes!” e do outro “Dog days are Over” e toda vez que eu passava por ali me inspirava e assim a música surgiu”.



Rabbit Heart (Raise it up)

Composta por Florence Welch e Paul Epworth, Rabbit Heart(Raise it up) foi lançada em 22 de junho de 2009,essa canção possui vários elementos e citações que remetem a contos de fadas. No videoclipe que tem uma fotografia mais romântica, se comparado com os vídeos dos demais singles do álbum, Florence surge com um vestido verde claro e uma coroa de pérolas performatizando uma dança que lembra rituais de religiões pagãs que existiam no reino unido.

A canção começa num ritmo lento ao som de harpas e tambores, que são acompanhados por uma dança igualmente lenta e aparentemente sem sentido, mas a música evolui para um ritmo mais intenso que é marcado pelo som da bateria durante o refrão, que soa como um grito quando Florence canta *This is a gift, it comes with a price/ Who is the lamb and who is the knife?/ Midas is king and he holds me so tight/And turns me to gold in the sunlight*. Essa temática mística é recorrente na obra de Welch que já declarou várias vezes se inspirar no que é mágico e lúdico.

Considerações finais

A partir de entrevistas, da repercussão crítica e, principalmente, das próprias músicas, vídeo clipes e performances, trilhamos um percurso ao redor das místicas influências de Welch. É curioso dizer que ela declarou em uma das entrevistas que escreve melhor as letras quando está bêbada. A densidade presente nas melodias, o drama, parece estar longe de ser o trabalho de uma pessoa bêbada, mas nunca se sabe.

Mesmo com opiniões controversas, Lungs foi um grande divisor de águas na carreira da banda. Permitiu que, aos poucos, o The Machine conquistasse a audiência com suas particularidades. Transita entre o pop, o rock e, no fim das contas, encontra suas raízes no indie. O álbum seguinte, Cerimmonials, também recebeu críticas positivas e continuou com o trabalho de trazer à tona uma vertente mais mítica que serve apenas para enriquecer o trabalho de “Flo, a bruxa boa”.

No campo midiático, Florence não é uma pessoa de chocar, de causar impacto. Todavia isso não impede que o grupo crie um vínculo para com seu público por meio de suas músicas. São músicas que falam de emoções com intensidade e



que, de certo modo, desencadeiam questionamentos que seguem dois caminhos diferentes: um deles diz respeito ao posicionamento de Florence and the Machine na indústria da música e o outro se refere às temáticas trabalhadas não somente no álbum *Lungs* como nos outros lançados. Em ambos os casos, as respostas são positivas: já deixaram sua marca.

Referências bibliográficas

Album review: **florence and the machine – lungs**. Disponível em: <<http://www.nme.com/reviews/florence-and-the-machine/10635>>. Acesso em: 8 de fevereiro de 2015

Florence + the machine: lungs. Disponível em: <<http://pitchfork.com/reviews/albums/13372-lungs/>>. Acesso em 5 de fevereiro de 2015

Florence + and the machine lungs review. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/music/reviews/9h4h>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2015

Florence + the machine. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/music/artists/5fee3020-513b-48c2-b1f7-4681b01db0c6>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2015.

Florence + the machine official website. Disponível em <<http://florenceandthemachine.net/>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2015.

Florence + the machine – dog days are over. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?V=pgrx6etml0w>> Acesso em 8 de fevereiro de 2015

Florence + the machine – rabbit heart (raise it up). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?V=GF6kBNLTvaU>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2015.

Florence + the machine – drumming song. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?V=boo2zm69fhy>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2015.

Florence + the machine – you’ve got the love. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?V=pqzhn65vq9e>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2015.

Florence + the machine – you’ve got the love (live royal albert hall). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?V=6qwfvg9dvmk>> Acesso em 8 de fevereiro de 2015.

Florence + the machine – kiss with a fist. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?V=1smxvcm39j4>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2015.

Florence Welch talks about her album ‘Lungs’. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hTMQRJwdDPI>>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2015.

Florence Welch: **A insider’s guide to the offbeat darling of British music**. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/home/you/article-1208710/Florence-Welch-An-insiders-guide-offbeat-darling-British-music.html>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

FUNAROW, Wendy. **Empire of Dirt: The Aesthetics and Rituals of British Indie Music**. Connecticut: Wesleyan University Press, 2006.



GRIGORIARDIS, Vanessa. **Florence Welch, the good witch.** Disponível em: <<http://www.rollingstone.com/music/news/florence-welch-the-good-witch-20111124>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

GUMES, Nadja Vladi Cardoso. **A música faz o seu gênero : uma reflexão sobre a importância das rotulações para a compreensão do indie rock.** – Bahia: UFBA, 2011. 209 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/12875/1/Nadja%20Vladi.pdf>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2015.

How pop went pagan. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/music/musicblog/2009/sep/28/pop-pagan>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2015.

Interview: **Florence and the Machine.** Disponível em: <<http://www.artistdirect.com/entertainment-news/article/interview-florence-and-the-machine/7636022>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2015.

Interview: **Florence Welch from Florence and the Machine.** Disponível em: <<http://www.thevine.com.au/music/interviews/interview-florence-welch-from-florence-and-the-machine-20100204-243582>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2015

LUNGS. Disponível em <<http://www.rollingstone.com/music/albumreviews/lungs-20090706>>. Acesso em 8 de fevereiro de 2015

SAWYER, Miranda. **Florence is always with the faeries and leprechauns.** Disponível em <<http://www.theguardian.com/music/2009/jul/05/review-florence-and-the-machine>> . Acesso em 8 de fevereiro de 2015

The exoteric meanings of Florence and the Machine. Disponível em <<http://vigilantcitizen.com/musicbusiness/the-esoteric-meaning-of-florence-the-machines-shake-it-out-and-no-light-no-light/>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2015